

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

LARISSA GABRIELLY DE SOUZA GALVÃO

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALÉM DO PRATO:
A PESCA E A COMERCIALIZAÇÃO DO SURURU NO BAIRRO DO VERGEL DO
LAGO, EM MACEIÓ (ENSAIO FOTOJORNALÍSTICO)

Maceió

2023

LARISSA GABRIELLY DE SOUZA GALVÃO

ALÉM DO PRATO:
A PESCA E A COMERCIALIZAÇÃO DO SURURU NO BAIRRO DO VERGEL DO
LAGO, EM MACEIÓ (ENSAIO FOTOJORNALÍSTICO)

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Alagoas como requisito para obtenção
do título de bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila

Maceió

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

G182a Galvão, Larissa Gabrielly de Souza.
Além do prato : a pesca e a comercialização do sururu no bairro do Vergel do Lago, em Maceió (ensaio fotojornalístico) / Larissa Gabrielly de Souza Galvão. – 2023.
28 f. : il. + 1 folheto (24 f.)

Orientadora: Janayna Ávila.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 26-28.

1. Cadeia produtiva. 2. Sururu. 3. Mundaú, Lagoa (AL). 4. Vergel do Lago (Maceió, AL). I. Título.

CDU: 77.044:639.4

Folha de aprovação

LARISSA GABRIELLY DE SOUZA GALVÃO

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso

Além do prato:

a pesca e a comercialização do sururu no bairro do Vergel do Lago, em Maceió
(ensaio fotojornalístico)

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Alagoas como requisito para obtenção
do título de bacharela em Jornalismo e aprovado
em ____ de _____ de _____

Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila (Orientadora)

Banca Examinadora:

Prof. Me. Eduardo Leite Vasconcelos

Prof.^a Dr.^a Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, em especial a minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a não desistir e persistir nos meus objetivos e na graduação. Um exemplo de força e para quem eu dedico esse trabalho.

Ao Italo, pelo seu amor, apoio emocional, paciência, ajuda e incentivo durante todo o processo de construção desse trabalho. Por sempre ter uma palavra de conforto em meio aos desafios e obstáculos e por ter, mesmo com a sua rotina corrida de trabalho, se disponibilizado a fazer a diagramação e montagem do fotolivreto, além de me acompanhar na realização das fotos.

Ao João por ter contribuído com as entrevistas, pelo passeio de barco para elaboração das fotos e por toda a disponibilidade.

A Saysia por conceder autorização para as fotos na fábrica, por toda atenção, entrevista e informações concedidas.

Minha orientadora, Janayna Ávila, por me direcionar no trabalho, pelas dicas, correções, paciência e pela disciplina de fotografia na graduação, que contribuiu para a minha formação e despertou em mim a vontade de fazer o TCC voltado para esta área.

E aos meus amigos Larissa, Kleiton e Trislayne, que me deram palavras de incentivo e apoio em meios às inseguranças e sempre acreditaram em mim para que eu não desistisse e seguisse em frente. À Larissa, que participou de uma ida para fotografar o mercado; ao Kleiton, pelas suas palavras de conforto, pela parceria e todos os conselhos, e à Trislayne, pelas palavras de incentivo. Ao Paulo, pelas dicas compartilhadas e por se disponibilizar em ajudar. Muito obrigada pelo apoio.

Dedico esse trabalho à minha avó Maria Valdez
(*in memoriam*), a quem guardo no coração.

RESUMO

O presente trabalho é um ensaio fotojornalístico composto por 29 imagens que documentam a cadeia produtiva do sururu na cidade de Maceió, especificamente no bairro do Vergel do Lago. O ensaio visa mostrar as etapas da pesca, cozimento e preparo do sururu até a venda, a fim de documentar a atividade artesanal diante da baixa remuneração dos pescadores e marisqueiras e suas longas jornadas de trabalho, tendo o sururu como sua única fonte de sobrevivência.

Palavras-chave: cadeia produtiva. sururu.lagoa Mundaú.Vergel do Lago.

ABSTRACT

The present work is a photojournalistic essay composed of 29 images that document the sururu production chain in the city of Maceió, specifically in the neighborhood of Vergel do Lago. The essay aims to show the stages of fishing, cooking and preparation of sururu until sale, in order to document the artisanal activity in the face of the low remuneration of fishermen and shellfish gatherers and their long working hours, with sururu as their only source of survival.

Key words: production chain. sururu. Mundaú Lagoon. Vergel Lake.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Lagoa Mundaú..... | 21 |
| Figura 2: Pescador Manoel..... | 21 |
| Figura 3: Pescador retirando o sururu branco da lagoa..... | 22 |
| Figura 4: Bastidores: navegando para registrar a pesca do sururu..... | 23 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 11 |
| 2. Objetivos..... | 16 |
| 3. Fundamentação teórica..... | 17 |
| 4. Procedimentos técnico-metodológicos..... | 20 |
| 5. Considerações finais..... | 26 |
| 6. Referências | 27 |

1. INTRODUÇÃO

A lagoa Mundaú possui uma área de 23km² e banha as cidades de Maceió, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte e Pilar. Além do aspecto ambiental, a lagoa possui um importante papel socioeconômico para as pessoas que vivem em seu entorno.

O complexo Estuarino Lagunar Mundaú Manguaba (CELMM) é o local onde se desenvolve uma série de organismos utilizados para alimentação, como o *M. Falcata*, conhecido popularmente como sururu. De acordo com Sousa e Silva (2008), bancos de sururu se formam na Lagoa Mundaú e criam microhabitats, cuja complexidade contribui com a distribuição e abundância de vários organismos.

O sururu, molusco que é patrimônio imaterial de Alagoas, é o sustento de cerca de 3000 famílias que trabalham com a árdua atividade de extração do molusco na Lagoa Mundaú, no bairro do Vergel do Lago, em Maceió, sendo em sua maioria a única fonte de sobrevivência destas pessoas.

O processo é realizado por homens e mulheres de baixa renda e diferentes faixas etárias. Nessa cadeia produtiva, os homens realizam o processo de extração do sururu e as mulheres dedicam-se ao tratamento, limpeza e, posteriormente, a preparação do molusco para comercialização.

Para retirar o molusco da lama, os pescadores mergulham entre cerca de 10 e 12 metros de profundidade sem nenhum equipamento de proteção e utilizando apenas luvas de pano que se rasgam facilmente. Eles saem de madrugada ou no período da manhã até o local onde o sururu costuma ser encontrado e realizam repetidos mergulhos para extração do sururu que é colocado na canoa em um esforço braçal desgastante. O sururu também pode ser encontrado em águas rasas, entre 1 ou 2 metros de profundidade, mas geralmente a quantidade maior está concentrada no fundo.

Após o mergulho para retirada do sururu da lama é iniciada a etapa da primeira lavagem utilizando os pés. Depois os pescadores realizam uma segunda lavagem do sururu às margens da lagoa. Logo após, o sururu é cozido dentro de latas de tintas reaproveitadas, com o objetivo de amolecer a casca para que ele se desgrude da concha e fica por cerca de 10 a 15 minutos cozinhando.

Depois ele é peneirado e toda a parte maior das cascas se desgruda da parte comestível do molusco. Posteriormente é feito o processo de catagem, limpeza e

embalagem para comercialização. Estes últimos exercidos por mulheres de diversas faixas etárias. Sentadas em cadeiras de plástico, bancos improvisados ou até mesmo em pé, elas realizam durante o dia inteiro o trabalho de catar várias latas de sururu, limpar, embalar e prepará-lo para venda.

Um pescador de sururu ganha, em média, entre 100 a 150 reais por semana. O valor pode variar dependendo da quantidade pescada, mas no geral a renda mensal não chega a um salário mínimo.

As mulheres recebem apenas 3 reais por cada lata limpa de sururu. Diariamente elas limpam cerca de 3 a 4 latas, sendo a renda mensal em torno de 180 a 200 reais.

Ultimamente, o que tem preocupado essas pessoas é o desaparecimento do sururu no período chuvoso. Entre os meses de maio e abril de 2022, o sururu desapareceu da lagoa causando um forte impacto socioeconômico, ocasionando a redução drástica da renda das famílias que comercializam o molusco. Um dos fatores que contribui para esse sumiço é a baixa salinidade da água devido ao excesso de chuvas, já que o sururu precisa da salinidade da água para sobreviver e se desenvolver.

Na reportagem divulgada pelo site (Gazetaweb), em 18 de setembro de 2022, o professor Josué Carinhanha Caldas Santos, do Instituto de Química e Biotecnologia da Universidade Federal de Alagoas, (Ufal) comenta a situação e diz que os pescadores relatam que, ao longo dos anos, a quantidade de sururu está reduzindo. Ele ainda explica que quando chove muito e também com o despejo de esgoto, o perfil de salinidade e o PH da água mudam. A poluição é um problema que está desencadeando a mudança do ambiente, mas outro fator que vem contribuindo significativamente para esse processo é o surgimento do sururu branco, uma espécie chamada “invasora”. Essa espécie é um bivalve (classe de moluscos que vivem tanto em água doce como em salgada). É da espécie *Mytlopsis Sallei*, e tem origem na América Central. De acordo com Josué Carinhanha, ele pode ter vindo dos mares do Caribe em cascos de navio. Segundo os marisqueiros, o molusco não é próprio para o consumo e se desmancha durante o cozimento, além de não ser saboroso como a espécie nativa do sururu.

Um laudo divulgado pelos pesquisadores do Centro de Ciências Agrárias (Ceca), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em notícia publicada no site Gazetaweb, aponta a presença de produtos químicos, metais pesados e grande

quantidade de esgoto na lagoa. Segundo os pesquisadores, dentre os produtos químicos encontrados, alguns apareceram mais recentemente e outros estão se acumulando no fundo da lagoa há anos. Mas de acordo com eles, os maiores vilões ainda são os esgotos residencial e industrial despejados, que não passam por nenhum tipo de tratamento até o momento. Com as chuvas, os despejos são levados para a lagoa e fica mais evidente nesse período. O sururu, quando aparece, é em baixa quantidade e com pouca qualidade.

Em uma reportagem divulgada pelo site Gazetaweb de março de 2023, pescadores aparecem comemorando a volta do sururu. Neste período, as famílias viveram uma crise socioeconômica, algumas sobrevivendo por meio de programas sociais, porém a renda não era suficiente. Em meio à situação complicada, algumas famílias estavam indo para a cidade de Roteiro, no Litoral Sul de Alagoas, a fim de pescar o sururu, mas os deslocamentos geram uma despesa alta e nem todos os pescadores conseguiam custear.

Um problema que envolvia a cadeia produtiva do sururu em Maceió e parecia não ter solução era o amontoado de cascas do molusco ao longo da Avenida Senador Rui Palmeira, no bairro do Vergel do Lago. Hoje elas são a matéria-prima do “cobogó da Mundaú”, produto desenvolvido pelos designers Marcelo Rosenbaum e Rodrigo Ambrosio e o artesão Itamácio dos Santos. O desenho da peça é inspirado no contorno da concha do sururu. Segundo uma reportagem divulgada pela revista Casa e Jardim, o resíduo gerado pela pesca chega a mais de 300 toneladas/mês.

A proposta surgiu em 2019, em parceria com o BID, IABS, Prefeitura de Maceió e o Instituto Mandaver. Quando o projeto acabou, em 2021, a empresa social continuou com o projeto e começou a comprar as conchas das marisqueiras. Atualmente cerca de 20 marisqueiras estão cadastradas e vendem as conchas para a empresa social. O cobogó é produzido pela empresa social e a indústria de revestimentos Portobello compra e distribui para as suas lojas. De acordo com uma das representantes da empresa, o modelo de negócio da fábrica enquanto empresa social não visa o lucro. Ela ressalta que foi feito um planejamento de reorganização e de reforma do processo produtivo para que eles consigam produzir mais e com uma eficiência melhor de tempo para conseguir o lucro que será destinado para um fundo. Ainda de acordo com ela, esse fundo só não está sendo alimentado porque a empresa não chegou no momento de ter lucro com as peças produzidas porque o

processo produtivo do cobogó é muito caro e quase que todo artesanal. Ela ressalta que esse fundo será revertido para ações na comunidade.

Esse ensaio fotojornalístico, composto por 29 fotografias produzidas com um smartphone e organizadas em um fotolivro, tem o objetivo de mostrar todas as etapas da atividade de extração e preparação do sururu para venda, especialmente a etapa inicial, de coleta do molusco no fundo da lagoa, realizada por trabalhadores que mergulham para retirar o sururu sem nenhum equipamento de proteção, têm longas jornadas quase diárias de trabalho e possuem baixa remuneração.

Nosso objetivo é trazer uma reflexão acerca da poluição da lagoa e como isso afeta diretamente no sustento dessas famílias, bem como refletir sobre a baixa remuneração para um produto comercializado em bares e restaurantes, tendo turistas entre os principais consumidores finais.

Visa transmitir ao público a reflexão sobre uma realidade falada, mas muito pouco conhecida e discutida. O que se vê em Maceió é apenas uma pequena parte do sururu extraído, aquela que é comercializada no Mercado da Produção, no bairro da Levada, em Maceió, mas o molusco é vendido também para outros estados e a atividade demanda um esforço expressivo, que envolve questões de classe e raça.

De acordo com uma pesquisa realizada por Tamano, Luana *et.al*, (2015, p.702) na Avenida Senador Rui Palmeira, no bairro Vergel do Lago, 97,44% dos entrevistados possuem renda máxima de até um salário mínimo. O grau de escolaridade entre os entrevistados é baixo: cerca de 15% sequer chegou a frequentar um ambiente formal de educação, 10% se declararam analfabetos mesmo tendo frequentado a escola e cerca de 46% frequentou apenas o ensino fundamental. Ainda de acordo com a pesquisa, a pesca do sururu é responsável pela composição da renda de 75% a 100% dos pescadores.

Segundo Santos (2019 *apud* Coutinho,2014,p.18-19), essa cadeia produtiva comporta pessoas com idades entre 10 e 70 anos. Apenas 6,8% possuem o ensino fundamental completo, 6,2% possuem o ensino médio completo e 18,7% nunca frequentaram uma escola.

Sem o sururu, a totalidade da renda dessas famílias é afetada e 70% dessas pessoas que trabalham com o sururu são mulheres marisqueiras, segundo a presidente do Instituto Mandaver, Lisania Pereira, em entrevista ao site de notícias UOL.

O Instituto Mandaver foi criado em 2018. É uma ONG sem fins lucrativos, com objetivo de promover cidadania. Localizado no bairro do Vergel do Lago, oferece para jovens e crianças oficinas, cursos e ações com foco no desenvolvimento social e transformação. Além disso, promove serviços sociais, realiza distribuição de cestas básicas para a população que vive em torno da Lagoa Mundaú e em situação de vulnerabilidade.

Ainda segundo Lisania, o que agrava ainda mais a situação é que a maioria dessas pessoas não possui escolaridade nem experiência em alguma área profissional, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho.

Embora o sururu tenha retornado à lagoa depois de um período de 10 meses de escassez, o professor e pesquisador com pós-doutorado em ciências aquáticas, Emerson Soares, da Universidade Federal de Alagoas, alerta, em entrevista ao portal UOL, que ainda não é motivo para se comemorar, pois ele retornou em função de uma pequena melhora nas condições de salinidade no ambiente e se desenvolveu em alguns pontos. Ele ressalta que já aconteceu outras vezes do sururu sumir, mas que esse é o momento mais complicado para o molusco.

2. OBJETIVOS

GERAL

Documentar, através de um ensaio fotojornalístico, a cadeia produtiva do sururu no bairro do Vergel do Lago, em Maceió, mostrando todas as etapas realizadas pelos pescadores e marisqueiras.

ESPECÍFICOS

- Estimular a reflexão sobre as dificuldades e a baixa remuneração das trabalhadoras e dos trabalhadores que atuam na cadeia produtiva do sururu em Maceió;
- Estimular a reflexão sobre os aspectos ambientais do despejo de esgotos na lagoa Mundaú, impactando o desenvolvimento do sururu;
- Mostrar o processo de reaproveitamento das cascas de sururu para fabricação do cobogó.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo da fotografia documental é contar uma história através de imagens que retratem a realidade de forma mais crua e autêntica. O uso de muitas edições e manipulações é descartado. As principais características são os assuntos sociais, as comunidades, pessoas, culturas e problemáticas, buscando retratar a realidade, ainda que toda documentação fotográfica seja sempre uma versão da realidade, atravessada pela autoria.

Castanheira (2013) aponta que, mesmo diante de críticas sobre seus usos e funções, a fotografia documental pode e continua a servir de testemunha dos acontecimentos das condições de vida do homem no mundo. E que, para manter a importância social da fotografia, alguns fotógrafos têm se dedicado à documentação de grupos ou comunidades que vivem ou viveram tempos de crises e injustiça social.

Considerando as afirmações apontadas, o trabalho realizado foi criado no intuito de mostrar essa comunidade e todas as dificuldades enfrentadas sem o seu sustento diário, durante o período em que sururu desapareceu com as chuvas, como também de toda a dificuldade que envolve as longas jornadas de trabalho.

Almeida e Neves (2017) refletem sobre o trabalho exaustivo que envolve a cadeia do molusco e apontam que a atividade de pesca do sururu é composta por uma rede de mulheres, jovens, adolescentes ou até mesmo crianças, que participam de uma espécie de mão-de-obra familiar e que para conseguir o mínimo de renda todos os integrantes precisam participar da cadeia, sendo a renda mensal inferior a um salário mínimo.

Tamano *et.al* (2015) argumenta que “(...) além de contribuir com o aporte nutricional para inúmeras famílias, este molusco bivalve também é a principal e/ou única fonte de renda para considerável parcela dos pescadores”. Apontam ainda que “a sobrecarga do trabalho, quando somada às horas de pesca com as horas de todo o processamento e lavagem do molusco, produzem jornadas que superaram as 12

horas diárias”. Para os autores, essa situação “acaba contribuindo com a situação precária de vida e estagnação de suas famílias e gerações seguintes em classes econômicas monetariamente menos favorecidas”.

De acordo com Sousa e Silva (2008), a salinidade parece ser o fator mais importante como regulador da distribuição e abundância dos macro crustáceos no CELMM). Quando chove, a salinidade da Lagoa Mundaú fica mais baixa e a água fica doce. Nesse período é comum o sururu desaparecer. Entretanto, no período mais recente de chuvas, entre os meses de abril e maio de 2022, o molusco desapareceu por cerca de 10 meses e só retornou, mesmo que ainda em menor volume do que antes, entre fevereiro e março de 2023.

3.1 Fotografia como documento e expressão

No surgimento da fotografia documental acreditava-se na fotografia como “espelho do real” e testemunha fiel da realidade. Esse pensamento foi crítica de vários autores que mais a frente defendiam a ideia da fotografia expressão, não como testemunho fiel do real, mas como fragmento dele. Com a fotografia expressão esses fotógrafos começaram a compor suas imagens, construir sentidos e criar o seu próprio estilo.

Duarte e Persichetti (2018) apontam que “a partir do reconhecimento da autoria, podemos inferir, ao analisar uma imagem, que ela não representa o real, mas sim uma versão mediada por um autor”.

Ainda com base neste pensamento, as autoras afirmam que o fotojornalismo também fragmenta o real ao compor as imagens numa determinada sequência, pois “ao determinar o tamanho de cada fotografia e de cada reportagem, e ao ordenar as reportagens, produz-se sentido, constrói-se coerência, propõe uma visão e ordena simbolicamente o real”.

Martino e Marques (2020) apontam que é preciso pensar a imagem como um documento histórico, como forma de conhecimento do passado e não apenas na sua dimensão estética e como obra de arte.

Isso significa pensar a imagem do passado como uma trama de representações e sentidos que se acumulam no tempo e que dialogam com múltiplas temporalidades: a cada nova visualização da imagem, ela transita constantemente e dialeticamente entre uma visão presente e a representação passada. (Martino e Marques, 2020, p.84).

Além disso, a fotografia não é apenas a captura de um “passado” que já foi contemporâneo mas sua transformação em se tornar algo a ser analisado como um “fato histórico”.

A transformação do tempo passado em tempo histórico acontece, dentre outros fatores, no momento em que há uma mudança na interpretação do documento, visto não mais como um registro do passado mas como um arquivo da história, ao qual se pode voltar, em sucessivas circunvoluções, para dele se extrair significados, pistas, traços e indícios de um tempo a ser reconstituído – o tempo histórico. (Martino e Marques, 2020, p.91).

Ou seja, as imagens não devem ser vistas apenas como sendo do passado, mas em outras formas de atribuições de sentidos como por exemplo de uma determinada época.

Castanheira (2013) reflete os trabalhos dos fotodocumentaristas e afirma que o tempo de produção é um fator importante nestes trabalhos.

Ao contrário das curtas estadias do fotojornalista no local da apuração, percebe-se nestes casos a necessidade de o fotodocumentarista permanecer longos períodos em campo e realizar repetidas visitas aos mesmos locais; de fato, uma imersão no universo o qual pretende documentar (Castanheira, 2013, p.07).

Ao se referir ao fotodocumentaristas atuais, o autor aponta que eles “têm assumido abertamente a subjetividade do olhar, a invenção, e a criação de realidade, o que permite aos espectadores de suas fotografias diferentes interpretações sobre os temas por eles abordados”.

4. PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS

A escolha pelo bairro do Vergel se deu pelo fato de querer mostrar um pouco mais de como funciona a produção do sururu na localidade e das dificuldades do processo. Além disso, por conhecer o bairro e por morar nele, as locomoções até a lagoa puderam ser realizadas a pé, em cerca de 15 minutos de caminhada da minha casa até chegar ao ponto específico de produção, que fica ao lado da fábrica de reaproveitamento das cascas de sururu. Para registrar as imagens, utilizei a câmera fotográfica de um celular smartphone Samsung A22 por ser uma ferramenta que eu dispunha para essa etapa do trabalho.

Entre as principais dificuldades enfrentadas para a produção das imagens estava o tempo nublado e chuvoso do período, o que impediu, muitas vezes, a continuidade do trabalho. Também precisei ser ágil para não perder nenhuma etapa. Nas idas à Lagoa Mundaú para fazer as fotos fui acompanhada por alguém que também conhecia o bairro. Fomos em alguns dias da semana para fazer a observação do local como também para fazer contatos e conversar com alguns pescadores, pois não conhecia ninguém que trabalhasse com o sururu. Nessa primeira abordagem fiz anotações sobre possibilidade de imagens, escrevi a pauta e a partir disso fui fazer os primeiros registros.

4.1 Pré-produção

A primeira ida ao local para produção das fotos aconteceu em um dia da semana e foi realizada ainda no período de desaparecimento do sururu, em outubro de 2022. No local era comum, ao abordar moradores e pescadores do local, eles relatarem apreensão e incertezas sobre a situação da pesca. Era comum ver barcos parados às margens, redes de pesca vazias e quase nenhuma movimentação de pescadores na lagoa.

Figura 1: Lagoa Mundaú



Fonte: Larissa Galvão (2022)

Neste mesmo dia conversei com o pescador Manoel e, durante a conversa, ele foi até às margens e trouxe a espécie do sururu branco para mostrar. Neste momento fotografei ele com o sururu na mão, imagem que compõe o ensaio. O objetivo dessa visita era mostrar a mudança da rotina dos pescadores com o sumiço do sururu. Nesse dia foram produzidas cerca de 115 imagens, sendo utilizadas 7 fotos dessa primeira etapa.

Figura 2: Pescador Manoel



Fonte: Larissa Galvão (2022)

Figura 3: Pescador retirando o sururu branco da lagoa



Fonte: Larissa Galvão (2022)

Durante as visitas para produção das fotos, eu me apresentava, explicava do que se tratava o trabalho e muitos colaboravam com informações acerca do sururu e dos problemas enfrentados. Já na segunda etapa de produção das fotos, no processo de pesca de sururu, tive um pouco de dificuldade para encontrar algum representante ou pescador que pudesse me levar para a realização das fotos. Mas conheci o Rubens da Silva, um jovem pescador, e através dele conheci o João de Lima, um pescador que costuma ajudar estudantes da Ufal. Conversamos e ele se dispôs a me levar para o local no Vergel onde é realizado todo o processo de extração, lavagem e cozimento do sururu.

Novamente fui acompanhada e ele nos levou de barco para realização das fotos. Ele explicou um pouco do processo e eu fui produzindo as imagens principais deste ensaio, totalizando 20 fotos selecionadas. Tive um pouco de dificuldade durante a produção pois precisei ser rápida devido à movimentação do barco e não podia perder nenhum momento das etapas. Além disso, o tempo estava nublado e choveu um pouco, o que também acabou atrapalhando um pouco no aspecto da imagem, mas tudo isso foi solucionado durante a edição das imagens.

Figura 4: Bastidores: navegando para registrar a pesca do sururu



Fonte: Larissa Galvão (2023)

4.2 Captação

Nas visitas que fiz ao local, preferi ir no horário da tarde quando o sol já está um pouco mais brando, mas também não muito tarde por causa da luminosidade que preciso para captar as imagens. Precisei conciliar um melhor horário para mim e para quem me acompanhou em todo o processo.

As condições do horário foram importantes, pois as imagens foram feitas por um celular Samsung modelo A22, que tem uma câmera traseira consideravelmente boa. Usei apenas a luz natural. Os formatos das fotos foram (4.3), sem filtros, flash, ou efeitos e buscando sempre uma luminosidade boa para as fotos não saírem superexpostas.

O que atrapalhou um pouco foi um dia chuvoso/nublado em que precisei fazer as principais imagens deste ensaio, por este motivo o fundo ficou meio acinzentado mas foi algo que deu para melhorar na edição. O restante dos dias escolhidos para visita/observação e captação foi de tempo firme e céu aberto e sempre no período da tarde.

Durante o processo de captação era preciso ficar limpando a lente da câmera traseira, procedimento que foi informado pela orientadora para não deixar as imagens embaçadas. As visitas sempre foram realizadas a pé e duravam cerca de uma hora, uma hora e meia.

Presenciei uma grande movimentação de pessoas no período de produção das fotos de extração de sururu, homens, mulheres, crianças e adolescentes que desde cedo ajudam suas famílias com o trabalho de limpeza do sururu. O pescador João acabou sendo a ponte principal para ajudar nesse processo de comunicação, mesmo que breve, com as pessoas que fotografei durante o processo.

4.3 Pós-produção

Após alguns dias de visita dividido em duas etapas, uma no período chuvoso e o outro com a volta do sururu, obtive cerca de 209 fotos e depois iniciei o processo de seleção das imagens. Em trabalho conjunto com a orientadora chegamos a seleção final de 30 fotos sendo eliminada apenas uma.

Após a seleção, iniciamos o processo de tratamento das fotos. A edição foi para melhorar a luz, o enquadramento e a cor das imagens que saíram com o aspecto acinzentado. A maioria das fotos foram feitas no período da tarde para manter a padronização da luz. Depois de finalizada a edição, foi iniciado o processo de diagramação do ensaio no formato de fotolivro, para melhor visualização do conjunto de imagens.

Na etapa de diagramação optamos em manter as imagens coloridas para chamar mais atenção para o processo e evidenciar cada etapa do trabalho dos pescadores. Algumas fotos principais optamos por colocar no tamanho maior e em algumas páginas colocamos a imagem na vertical e um pouco menor para dar um certo movimento no ensaio e para evidenciar algumas legendas maiores. Em outras páginas colocamos mais de uma imagem em tamanho menor, mas que retratam o mesmo assunto. Em todo o processo tivemos o cuidado de valorizar as imagens e não perder a qualidade.

Foi utilizado o *Canva* como ferramenta de diagramação e colocamos legendas maiores em algumas páginas para explicar melhor alguns processos. Toda a montagem e ajustes foram realizados de forma presencial em que acompanhei todo o processo, dei sugestões e também concordei com sugestões propostas pelo

diagramador. Dialogamos bastante e nossas ideias se encaixaram e obtivemos o resultado esperado. A seleção e sequência das fotos seguiu a ordem cronológica, seguindo o passo a passo da extração. Somente nas fotos em que é mostrado o sururu branco e as chuvas, foi que houve um pouco dessa quebra, mas nada que afete o entendimento do ensaio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das fotografias produzidas para este ensaio foi possível perceber o trabalho exaustivo e o ganho mínimo de um catador de sururu, além de todos os problemas de saúde e riscos que se tem ao mergulhar sem equipamentos e exercer longas jornadas de trabalho diárias, pois é a única fonte de sobrevivência dessa comunidade.

A poluição ao longo dos anos, somada com as chuvas que ocorrem no inverno, é o fator que contribui para esse sumiço. Neste período, as famílias ficam desamparadas e sobrevivendo de doações. É necessário que os órgãos competentes realizem ações de assistência e garantia durante esse período em que não há produção de sururu. É preciso ações mais eficazes para tentar diminuir a degradação ambiental na lagoa Mundaú, em parceria com a população.

A fotografia é um instrumento importante para documentar processos e saberes, contar histórias e, através dela, discutir a rotina e situações enfrentadas por pessoas ou comunidades que viveram ou vivem em vulnerabilidade social, bem como na denúncia de situações e problemas que afetam essas comunidades, como é o caso da escassez do sururu que afetou toda a população pesqueira.

Faz-se necessário que o poder público tenha mais atenção e execute programas de assistência para a cadeia produtiva do sururu voltados para pescadores e marisqueiras que dependem da extração do molusco. É preciso que sejam adotadas não só medidas paliativas para tentar reduzir a poluição, mas criar ações e estratégias que devem ser discutidas e colocadas em prática pensando a longo prazo e com monitoramento constante na lagoa Mundaú.

O jornalismo tem um papel social importante e fundamental ao propor a reflexão sobre todo o impacto socioeconômico que a poluição traz, em uma cidade em que uma parcela de habitantes tem a pesca como sobrevivência. Esse ensaio fotojornalístico tem a função de aproximar o público dessa realidade pouco discutida e muitas vezes até normalizada e servir como ferramenta de denúncia do descaso e falta de assistência para a comunidade do Vergel do Lago.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Tatianne. Sururu reaparece na Lagoa Mundaú após dez meses de escassez. GazetaWeb,2023. Disponível em: [GazetaWeb - Sururu reaparece na Lagoa Mundaú após dez meses de escassez](#). Acesso em:8 de julho.23

CARVALHO, Regina. Sururu some da Lagoa Mundaú e afeta mais de mil famílias ribeirinhas. GazetaWeb, 2022. Disponível em: [GazetaWeb - Sururu some da Lagoa Mundaú e afeta mais de mil famílias ribeirinhas](#). Acesso em:08 de julho.23.

CASTANHEIRA, Rafael. **Fotografia: documento e expressão**. In. Intercom. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Rio Verde-GO.2013.

Cobogó feito com casca de sururu é reconhecido em prêmio internacional. Casa e Jardim,2021.Disponível em:[Cobogó feito com casca de sururu é reconhecido em prêmio internacional - Casa e Jardim | Design \(globo.com\)](#)Acesso em: 11 de julho.23.

DUARTE, Laura; PERSICHETTI Simonetta. **Entre verdade e encenação: o fotojornalismo entre o documento e a expressão**. Discursos fotográficos, Londrina n.28,p.38-65, 2020.

Fotografia documental e o registro da realidade. Disponível em: [Fotografia Documental e o registro da realidade - Acesso em:10 de julho.2023](#).

JOÃO. João: depoimento [Junho.2023]. Entrevistadora: Larissa Galvão. Maceió: Ufal, 2023. Gravações sonoras no smartphone. Entrevista concedida para o relatório de tcc.

MADEIRO, Carlos. Patrimônio de Alagoas, sururu sofre com espécie invasora e some da lagoa. UOL, 2023. Disponível em: [Patrimônio de Alagoas, sururu sofre com espécie invasora e some](#). Acesso em: 8 de julho.23.

MARQUES Ângela; MARTINO Luís;. **Fotografias do limiar: dicotomias, fabulações e temporalidades Intervalares em imagens de famílias empobrecidas durante a Depressão norte-americana dos anos 1930**. INTERIN, n.2,p 83-110,2020.

NEVES, S.L.C; ALMEIDA, J.D. **Cadeia produtiva do sururu: levantamento de demandas relacionadas a qualidade de vida dos trabalhadores** In: Anais Avia! Semana de Design da UFAL | 2ª edição. Maceió-AL: Galoá 2017.

PIMETEL, Evellyn. Sururu branco pode ser espécie invasora. Disponível em: [Sururu branco pode ser espécie invasora - TribunaHoje.com](#)
Acesso em 16 de agosto.23.

Repórter Record Investigação; Trabalho exaustivo salário ínfimo: a rotina degradante de um pescador de sururu em Alagoas. YouTube, 22 de jan.2021
Disponível em: <https://youtu.be/u4H6uK1zN2w>
Acesso em:10 de julho 2023.

RODRIGUES, Marcos. Chuvas provocam o desaparecimento do sururu na lagoa. GazetaWeb,2023. Disponível em:[GazetaWeb- Chuvas provocam o desaparecimento do sururu na lagoa](#). Acesso em:19 de julho.23.

RODRIGUES, Ricardo. Laudo da Ufal confirma poluição da lagoa com produtos químicos e metais pesados. TribunaHoje.com,2023. Disponível em:[Laudo da Ufal confirma poluição da lagoa com produtos químicos e metais pesados - TribunaHoje.com](#)
Acesso em :08 de julho.23.

SANTOS, Catarina Silva dos. **Monitoramento tecnológico, usos potenciais e perspectivas de negócios com o sururu das Alagoas**. Orientador: Prof. Dr.

Ticiano Gomes do Nascimento.2019.125 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação - Ponto Focal PROFNIT.Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Química e Biotecnologia. Maceió, 2019. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/123456789/7902/1/Monitoramento%20tecnologico%20usos%20potenciais%20e%20perspectivas%20de%20negocios%20com%20o%20sururu%20das%20Alagoas.pdf>. Acesso em:16 agosto.2023.

SAYSIA. Saysia: depoimento [Maio.2023]. Entrevistadora: Larissa Galvão. Maceió: Ufal,2023. Gravações sonoras no smartphone. Entrevista concedida para o relatório de tcc.

SILVA, Djane; SOUSA Francisco: Proposta de manejo sustentável para o complexo estuarino-lagunar Mundaú/ Manguaba (AL)

Revista Brasileira de Geografia Física. Recife v.1, n. 2, p.78-94, 2008.

TAMANO, Luana et al. Socioeconomia e saúde dos pescadores de Mytella falcata da Lagoa Mundaú, Maceió-AL. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas**, v.10, n .3, p .699-71, set/dez.2015.

VANDERLEI, Emanuelle. “Não há nada para comemorar, a situação do sururu é crítica”. TribunaHoje.com, 2023. Disponível em:“[Não há nada para comemorar, a situação do sururu é crítica](#)” - TribunaHoje.com

Acesso em:08 de julho.23.

VASCONCELOS, Felipe Alif. **Documentário- Marisqueiras** (Lagoa Mundaú) YouTube, 20 agosto 2019. Disponível em: <https://youtu.be/5Sr5S-AohJA>

Acesso em: 09 de julho.2023